De pai para filho

Meu saudoso pai era médico, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, são paulino e sócio do Jockey Club de São Paulo. Seu nome era Antonio Frederico Branco Lefèvre.

Quando eu era criança, além de achar que médico nunca ficava doente e também não morria (o que me fez sofrer muito mais do que o normal quando ele morreu ainda jovem, aos 64 anos), uma coisa que me intrigava muito era vê-lo usando sapatos e roupas brancas de 2ª a 6ª feira para trabalhar, e nos finais de semana vestindo paletó e gravata. Até que fiquei sabendo que para entrar no Jockey, o traje social era obrigatório, como vocês poderão atestar pela foto de 1952 que ilustra esta coluna, meu pai orgulhoso trazendo seu cavalo para o padoque depois de uma vitória.

Um dia, já 'interessado' no assunto, tomei coragem e pedi que me levasse ao Jockey. A resposta foi que era impossível, porque menores de idade não podiam frequentar as corridas.

Quando eu já era mais crescidinho, tipo 10 anos, nas manhãs de sábado ou de domingo, meu pai costumava visitar pacientes que estavam internados em clínicas ou hospitais e me levava junto no seu Aero Willys, isto porque depois das visitas a gente ia até o Morumbi para 'fiscalizar' o andamento das obras do futuro estádio do Tricolor, e na volta para casa dava uma paradinha nas cocheiras para ele (e eu, claro) ver os cavalos, conversar com o treinador, garimpar algumas "barbadas" e fazer sua tradicional acumulada, que só anos mais tarde descobri do que se tratava.

Naquela época, as corridas eram transmitidas apenas pelo rádio e na hora do almoço ele ouvia os primeiros páreos. Eu sempre perguntava o nome do cavalo que ele tinha apostado para torcermos juntos. Lembro que quando o narrador não falava o nome do animal entre os ponteiros, eu ficava triste e ele me dizia para ficar calmo, porque a distância era longa e o cavalo dele atropelava, como se eu soubesse o que era distância longa e atropelada, imaginem.

Terminava o almoço ele colocava o terno e ia embora para o prado, e muitas vezes eu continuava ouvindo a transmissão com o jornal na mão e 'apostando' nos favoritos da crônica. Quando ele chegava à noite, eu sempre perguntava se tinha acertado muito, ele dizia que sim, é claro, turfista é sempre turfista.

Até que um belo dia, conversando no colégio com um amigo chamado Paulo Machado Monteiro Jr., fiquei sabendo que o pai e o tio dele também curtiam as corridas de cavalos e o levavam sempre no Jockey, porém nas arquibancadas populares, onde era permitido traje esporte e os menores podiam entrar acompanhados dos seus responsáveis. O nome deste tio do meu amigo, médico como meu pai, era Dr. Waldyr Prudente de Toledo, futuro presidente do JCSP, infelizmente ambos já faleceram. A partir de então, meu programa dos finais de semana passou a incluir invariavelmente uma tarde, ou mesmo as duas, nas corridas. Era muito divertido, outros amigos se incorporaram ao grupo, inclusive Arthur Tolentino, hoje meu companheiro de Arco do Triunfo. Mais 'velho' um pouco, eu levava as namoradas para jantar no Jockey nas noturnas, era um luxo!

Lembro que certo dia uma delas me perguntou se algum final de semana a gente iria ao cinema durante a tarde, vejam só! Quando fiz 18 anos, o pai comprou um título de sócio do JCSP para mim, que devolvi, sem nenhum arrependimento, quando começaram a cobrar mensalidades.

Meus dois irmãos mais velhos não sabem onde fica o rabo do cavalo e infelizmente também não consegui passar a paixão pelo Turfe para meu filho homem, embora nos finais de semana nossa família fosse quase sempre almoçar no gostoso restaurante do 2º andar. Só que terminava o almoço, eu ficava para as corridas e eles saiam.

Juliano, hoje beirando os 40, são paulino obviamente, sempre gostou mais de futebol e de jogar basquete, esporte que pratica até hoje.

Minha filha Renata, mãe do meu netinho Thomas, não curte esporte nenhum, mas anos atrás me perguntou: Pai, não acredito que você vai todos os anos até Paris só para assistir uma corrida de cavalos? Respondi: Não filha, primeiro não se trata de uma corrida qualquer, mas de uma corrida muito especial, porém também curto a cidade que é linda, vou a museus, exposições, concertos, bistrôs, e visito amigos que moram lá.

Foi assim que começou minha história no Turfe, que já tem mais de 50 anos e durará para o restante da vida.

Apoio: Stud Nova República - Haras Dilema - Coudelaria FBL - Stud Daltex - Stud Nicholas & Enrico Jarussi - Paulo Ferraz De Angelis.